

# Um anarquismo extraordinário: a luta dos libertários no Uruguai dos anos de 1950 à Ditadura Militar e suas raízes históricas

Edilene Toledo\*

RUGAI, Ricardo Ramos. *Um partido anarquista: o anarquismo uruguaio e a trajetória da FAU*. São Paulo: Ascaso, 2012, 313 p.

**Palavras-chave:** Anarquismo — Ditadura Militar — Uruguai.

**Keywords:** Anarchism — Military Dictatorship — Brazil.

O livro de Ricardo Rugai, resultante de vasta pesquisa em fontes e bibliografias, traz ao público brasileiro a extraordinária trajetória da FAU, a Federação Anarquista Uruguaia, organização que se autodenominava um partido anarquista, foi formada na década de 1950 e que, como nos mostra o autor, teve um papel importante nas lutas sociais desse país, reunindo os setores de esquerda mais combativos, tanto no âmbito político mais amplo quanto no sindical. A FAU criou também a OPR-33, uma organização armada que empreendeu muitas ações — algumas espetaculares — contra a ditadura militar que se implantou no país a partir de 1973. Dezenas desses militantes anarquistas foram presos, torturados ou mortos pela Ditadura. Nos anos de 1970, a FAU teve também células em Buenos Aires, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre.

No Uruguai, assim como no Brasil e na Argentina, o movimento anarquista tinha uma longa história e teve uma presença consolidada e enraizada, e às vezes preponderante, dentro do associativismo operário. Grupos, militantes, jornais e sindicatos ligados ao mundo libertário viveram várias fases. De uma presença esporádica no início dos anos de 1890, o anarquismo se transformou gradualmente num forte catalisador dos processos de organização dos trabalhadores urbanos, sendo a primeira década do século XX o ponto alto dessa primazia anarquista nos movimentos operários desses países. A Federación Obrera Regional Uruguayana, fundada em 1905, assim como a federação argentina nessas décadas, tiveram uma caracterização anarquista explícita.<sup>1</sup> Nos anos de 1910, os anarquistas conviveram com o protagonismo do sindicalismo revolucionário, mais pragmático, que eles mesmos tinham ajudado a criar, desde 1904-05. Nos anos de 1920, o movimento anarquista

\* Professora de História do Brasil do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo.

<sup>1</sup> Ver: CAPPELLETTI, Angel J. *El anarquismo en America Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1990.

se reduziu progressivamente a uma rede mais restrita de círculos e jornais voltados quase que exclusivamente à propaganda, embora se mantivesse ligado às atividades de organização sindical, mas em posição inferior em relação aos sindicalistas revolucionários, aos socialistas e aos comunistas.

Também no resto do mundo, já nos anos de 1920 e 1930, o movimento anarquista perdeu força, com o surgimento dos partidos comunistas e com o aumento da presença do Estado, fechando o ciclo do que se convencionou chamar anarquismo histórico. Foi somente a partir dos anos de 1960, quando se confirmaram suas previsões sobre os perigos da centralização do poder nos países socialistas, que houve uma retomada do anarquismo em várias partes do mundo. Suas ideias libertárias influenciaram movimentos sociais como o estudantil, o feminista, o ecologista e o *hippie*.

Um dos aspectos originais do livro de Rugai é justamente dar a conhecer uma experiência importante do anarquismo latino-americano, também nos anos de 1950, fora, portanto, do período áureo do anarquismo e antes da retomada de algumas de suas ideias. A pesquisa do autor parte, de fato, desta pergunta: por que o anarquismo uruguaio se manteve tão vivo, enquanto que no Brasil, na Argentina — onde tinham sido também tão importantes — e no resto da América Latina e do mundo houve um inegável declínio? O autor se pergunta também como a FAU, que mantém sua militância até hoje, permaneceu praticamente desconhecida no Brasil até o fim dos anos de 1990, quando ele começou a divulgar os resultados da pesquisa que formariam sua dissertação, defendida em 2003, pela Universidade Estadual de Campinas, e que, em 2012, originariam este livro, que é uma versão pouco modificada do trabalho apresentado na Unicamp.

Utilizando-se da comparação, sobretudo com o Brasil, como estratégia metodológica, o autor destacou várias características do anarquismo uruguaio nos anos de 1990: a forte presença dos militantes libertários nos sindicatos, nas associações de bairro, em rádios comunitárias e no movimento estudantil; o perfil de classe dos militantes, quase todos de origem popular, e um conteúdo classista e organizador dominante na concepção de anarquismo no país, e a rejeição ao espontaneísmo (p. 15). Outro aspecto característico foi a atuação recente dessa ação anarquista, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, também no contexto da resistência às ditaduras militares. Essa atuação contínua permitiu, segundo Rugai, a formação de várias gerações de militantes. O autor reconhece que houve um declínio da ação anarquista também no Uruguai, nas décadas de 1930 e 1940, mas destaca que ele não foi tão intenso quanto no Brasil e nos outros países.

O livro é dividido em quatro partes: a primeira trata da formação do movimento operário e do anarquismo no Uruguai desde o final do século XIX até 1950, construindo, também, um amplo quadro geral da sociedade uruguaia ao longo dessas décadas. A segunda começa em 1952 e termina em 1967, quando o partido anarquista é colocado na clandestinidade. A terceira parte vai de 1967 até o golpe militar, em 1973. A quarta aborda o período entre 1973 e 1976, quando a ditadura militar limita fortemente a ação dos militantes anarquistas e muitos vão para o exílio.

O autor destaca a formação de uma seção uruguaia da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), já em 1872, e o predomínio da influência das ideias de Bakunin nesse primeiro anarquismo no país (p. 23). Desse modo, ele passa a fazer uma análise dos aspectos essenciais do pensamento desse importante teórico e revolucionário do anarquismo e da formação de seu “partido” no interior da Internacional, a primeira forma de organização específica dos anarquistas. Rugai considera que a Federação Anarquista Uruguaia, criada anos mais tarde, apresen-

tava semelhanças importantes com essa primeira forma de organização libertária, no que se refere à importância atribuída à organização, ao critério de ingresso seletivo, à diferenciação em relação às organizações de massa e à adoção de ações clandestinas (p.30).

Outra contribuição fundamental para a FAU foram as ideias do anarquista italiano Errico Malatesta, que foram centrais também no anarquismo brasileiro e no argentino. Sua presença foi marcante na região do Prata, tendo chegado ao Uruguai em 1887, vindo da Argentina. Rugai observa uma semelhança fundamental entre a vertente anarquista comunista de Malatesta e a herança bakuninista: a diferenciação entre o âmbito especificamente anarquista e o sindicato, perspectiva que perdeu a hegemonia durante décadas, mas que retornou nos anos de 1950 no processo de formação da FAU (p.32). O autor evidencia o uso da expressão “partido anarquista”, tanto por Bakunin quanto por Malatesta para se referir a essas organizações especificamente anarquistas que ambos defendiam.

A FAU foi fundada em 1956 como resultado de um processo de amadurecimento que passou por várias greves, que vinham desde o início desta década, quando o sindicalismo uruguaio permanecia fragmentado numa série de tendências: anarquistas, comunistas, cristãs, entre outras. O autor considera que o fato de a classe trabalhadora uruguaia, naquele momento, não ser mais estrangeira foi um elemento que facilitou a criação de uma identidade (p.120). As grandes greves do início da década foram protagonizadas pelas bases e pelos sindicatos, nos quais sobreviviam as tradições de combate e de solidariedade. A FAU nasceu, então, como expressão política de parte dos movimentos sociais, com o apoio dos sindicatos autônomos, e apresentando-se claramente, como bem nos mostra Rugai, como herdeira da tradição bakuninista, de Malatesta e dos métodos da ação direta. Da formação da FAU participaram também militantes que tinham lutado na revolução na Guerra Civil Espanhola (p.128).

A federação foi formada, porém, pela convergência de vários grupos anarquistas, de diferentes matizes, que mantiveram uma relativa autonomia. Essas diferenças acabaram resultando numa divisão entre o fim de 1963 e o início de 1964 (p.132). As divergências estavam ligadas, entre outras razões, ao apoio aos movimentos armados na América Latina, em especial à Revolução Cubana, e à centralidade da classe trabalhadora nas atividades da organização. Para os anarquistas que permaneceram na FAU, a violência e a luta armada eram necessidades estratégicas. O grupo que deixou a federação era contra o uso da violência e da luta armada, questionava a centralidade do operariado e recusava a organização de partido e o apoio à Revolução Cubana, negando que a linha adotada pela FAU fosse libertária e acusando-a de não anarquista ou de anarco-bolchevique, acusação que o autor considera equivocada e que contesta com veemência (p.134). Do grupo dissidente, faziam parte Luce Fabbri, biografada por Margareth Rago, e seu companheiro, entre vários outros anarquistas. O anarco-comunismo de Malatesta era reivindicado tanto pela maioria que ficou como pela minoria que deixou a FAU. O apoio da federação à Revolução Cubana recebeu duras críticas de movimentos libertários de várias partes da América Latina.

Os anarquistas que permaneceram na FAU procuraram, a partir de então, definir melhor sua identidade política. A discussão foi centrada na necessidade de uma organização política revolucionária, um verdadeiro partido anarquista, com atribuições, estratégias e táticas claras. Consideravam que a ausência de uma organização desse tipo tinha levado à derrota da revolução anarquista na Guerra Civil Espanhola (p.154).

Apesar de ter escolhido o nome Federação, a FAU referia-se frequentemente a si mesma como “organização” ou “partido”. Isso nada tinha a ver com a participação eleitoral. Considerava-se que os vários campos de atuação da federação deveriam ser coordenados globalmente por uma organização política específica, rejeitando o espontaneísmo e o voluntarismo (p.159). Para o autor, isso não estava ligado ao modelo de partido leninista, como pensavam outros anarquistas, mas sim, como vimos, a uma tradição do anarquismo que vinha desde as lutas dos bakuninistas nos tempos da Primeira Internacional. Para ele, a FAU se construiu como uma organização política que pode ser considerada um partido, que atuava tanto nos movimentos sociais de bairro, nos movimentos estudantis e nas organizações sindicais quanto como organização militar clandestina. Ao mesmo tempo, os anarquistas da FAU consideravam de extrema importância o apoio popular.

A atuação sindical da federação cresceu bastante na década de 1960, com a criação de uma central sindical, a Convención Nacional de los Trabajadores, em contraposição à política desenvolvida nos meios sindicais pelo Partido Comunista (p.166). Essa mudança dinamizou as atividades da FAU. Observando atentamente o cenário mundial, os militantes da federação defendiam o que chamavam de terceira via, nem o capitalismo nem o socialismo totalitário, reivindicando e acreditando na possibilidade de um socialismo com liberdade (p.169-170). Em meio aos duros debates com outros setores da esquerda, e num contexto de intensificação da repressão, vai ganhando força na FAU o conceito de “Poder Popular”, um poder que seria exercido pelas organizações populares em conflito com o Estado (p.173). Acreditando na necessidade e na possibilidade de uma verdadeira revolução, um poder político coordenado e planejado, no qual os sindicatos, as associações de bairro e os grêmios estudantis seriam protagonistas, faria a gestão da sociedade (p. 198). A atuação armada da FAU estava ligada a essa forma de conclusão revolucionária que a organização concebia.

O golpe militar no Uruguai, em 1973, foi o auge de um processo de ruptura institucional iniciado já em 1967. Como resposta ao golpe, os trabalhadores, apoiados pela FAU, organizaram uma grande greve geral, derrotada com a violência (p.270). As lutas da federação permaneceram intensas, tanto no plano sindical, nos movimentos estudantis e de bairro, quanto na luta armada. O autor considera que a adoção de uma estrutura orgânica revelou-se importante nesse período de ilegalidade e clandestinidade (p.185), durante o qual a organização teve um surpreendente crescimento (p. 214).

As ações armadas da FAU vinham acontecendo desde o início dos anos de 1960 e constituíram progressivamente seu braço armado, a Organización Popular Revolucionaria 33 Orientales, OPR-33. Rugai destaca que essa luta armada era considerada complementar à luta social, ambas vistas como importantes e necessárias (p. 207). Já o Partido Comunista Uruguaio seguia apostando na passagem pacífica para o socialismo (p. 209). Ainda antes do golpe, vários dos membros da FAU atuavam a partir do exterior, especialmente de Buenos Aires. No Uruguai, a federação permanecia seguindo seu objetivo de formar uma ampla frente de resistência à ditadura (p. 283). Após o seu fim, anistiados, retornados ou saídos da prisão, os militantes refundaram a FAU, em 1986, permanecendo em atividade até hoje.

Para o autor, a continuidade do movimento operário e do sindicalismo uruguaio contribui para explicar a perenidade do anarquismo no país. Apesar do declínio que atingiu também o anarquismo uruguaio a partir dos anos de 1930, os militantes seguiram ativos e vinculados ao movimento operário. O exílio de militantes espanhóis que participaram da revolução na guerra civil e seu espírito de

autocrítica também ajudaram a FAU a renovar e revigorar seu anarquismo, ainda que preservando suas tradições (p. 292). Rugai procurou tirar essa experiência extraordinária do silêncio e refutar as críticas que a FAU recebeu, mesmo nos meios libertários de outros países. Uma história que, como nos diz o autor, interessa não apenas por si mesma, mas pelos tantos laços, tão instigantes, que a ligam a outras histórias e a outros personagens.

Vale a pena se aventurar pelas mais de 300 páginas deste livro, com o qual se aprende muito sobre a história do anarquismo, sobre a história do Uruguai e de outros países latino-americanos, ao longo das várias décadas que ele percorre. Um trabalho de pesquisa e de escrita de fôlego, feito com rigor e com paixão. Raramente um trabalho de mestrado tem tido resultados tão inovadores.

---

Recebida em 27 /11/ 2013

Aprovada em 11/12/2013